

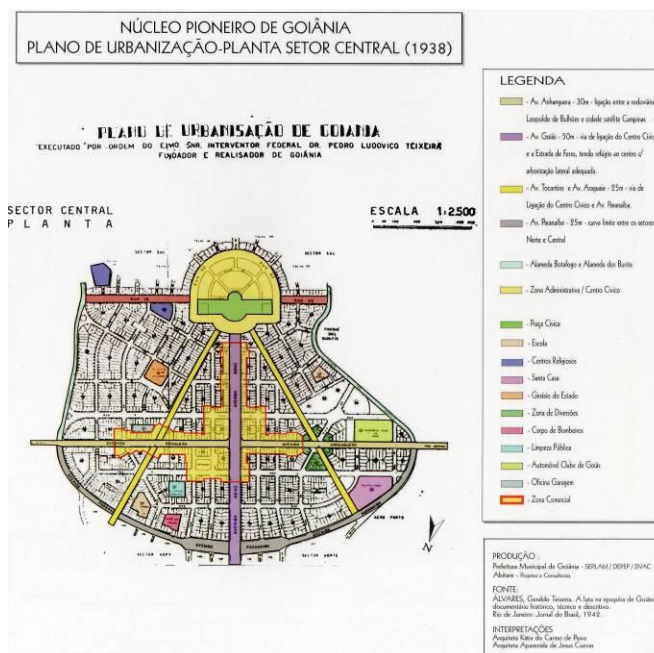
PARECER PARA DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO EDIFÍCIO SEDE DO JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS¹

Por solicitação da Superintendência de Patrimônio da Secretaria de Cultura do Estado de Goiás, segue parecer técnico sobre a relevância arquitetônica do edifício sede do Jockey Club de Goiás. O documento apresentará o histórico do edifício e de seu contexto urbano, assim como argumentos em separado que apontam para o valor patrimonial do referido edifício.

1. Objeto de análise

Na planta de urbanização de Goiânia de 1938, o terreno onde se localiza o Jockey Club de Goiás já consta relacionado ao primeiro Automóvel Clube de Goiás (não confundir com a segunda instituição, implantada em terreno no bairro Jardim Goiás). Logo foi concebido um edifício de feições neocoloniais para servir de sede social, onde ocorreriam tanto as reuniões do clube como as festividades e atividades recreativas. A cidade de Goiânia havia sido inaugurada pouco antes, em 1937, com a efetiva transferência da sede de governo, antes na Cidade de Goiás. Logo, a população local justificava apenas um edifício de dimensões modestas. O terreno era extenso, mas possuía um trecho alagadiço, próximo à Rua 11, pois o local fazia parte do trajeto do Córrego Buritis. Por conta da presença da água que aflorava em época de chuva, havia um pequeno bosque próximo à referida rua, com árvores de grande porte. A antiga sede foi implantada de modo a respeitar essas preexistências ambientais.

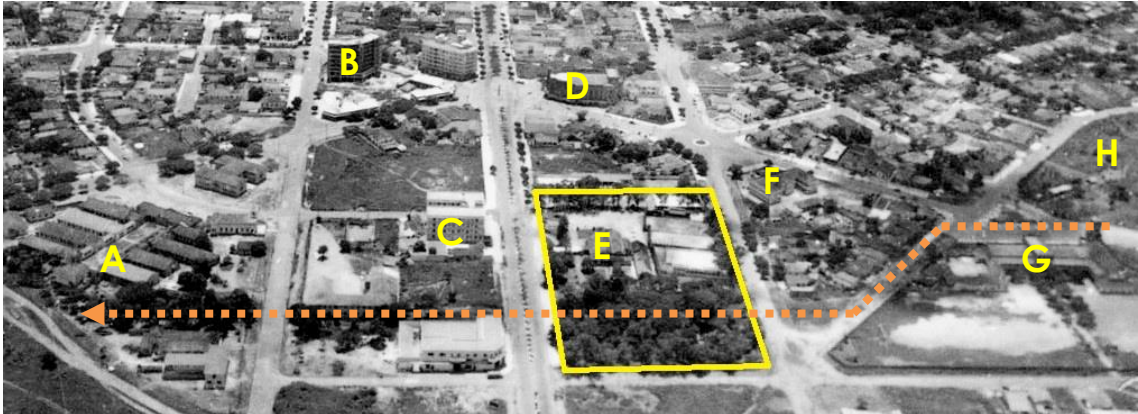
FIGURA 1 – Planta de Urbanização de Goiânia de 1938,
com terreno do antigo Automóvel Clube demarcado em verde-claro.



FONTE: MANSO, Celina F. A. (org.). Goiânia Art déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento. Goiânia : SEPLAN, 2004, p. 180.

¹ Este parecer se baseia em parecer anterior, do mesmo autor, realizado por solicitação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, regional Goiás, assinado em 12 de Dezembro de 2017. Aqui, contudo, faz-se uma ampliação e correções necessárias, configurando um documento independente.

FIGURA 2 – Imagem aérea de 1957 (editada), apresentando o terreno do antigo Automóvel Clube demarcado. Notar trajeto do Córrego Buritis na linha pontilhada em laranja
A – antiga Santa Casa de Misericórdia; **B** – edifício residencial 28 de Agosto; **C** – antigo Hotel Presidente; **D** – Teatro Goiânia; **E** – antigo Automóvel Clube; **F** – antigo Grupo Escolar Modelo; **G** – colégio Ateneu Dom Bosco; **H** – Bosque dos Buritis



FONTE: acervo IBGE. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS - RJ/GO24682.jpg](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS-RJ/GO24682.jpg)>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

FIGURA 3 – Extinta sede social do Automóvel Clube de Goiás



FONTE: acervo IBGE. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS - RJ/go42701.jpg](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS-RJ/go42701.jpg)>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

Pouco tempo depois a instituição mudou de nome, passando a se chamar Jôquei Clube de Goiás. A cidade cresceu nas décadas de 1940 e 1950 e os sócios do clube concluíram que a sede não mais respondia adequadamente à demanda espacial. Além disso, o edifício fora construído na porção central do terreno, o que atrapalhava a construção de uma edificação complementar, anexa à primeira. Possivelmente, pode ter também pairado sobre a decisão a eterna busca pelo novo que ronda as localidades jovens. Enquanto em cidades centenárias há a preocupação com a manutenção da história local através da arquitetura, nas cidades mais jovens a pouca história não consegue

fazer frente à sedução do novo. A história precisa passar por um período de resistência de alguns séculos para ser incorporada à identidade local e ganhar o *status* familiar. A década de 1950 permitiu a Goiânia a presença de edifícios vinculados esteticamente ao Movimento Moderno de arquitetura, com linguagem de geometria elementar e a técnica do concreto armado em suas estruturas. À medida que o centro da capital se desenvolvia construtivamente, os sócios do Jóquei Clube se viam representados em uma instituição que não refletia a antiguidade das cidades do litoral brasileiro, a exemplo do Rio de Janeiro, Salvador ou Recife, mas também não traduzia a nova feição da modernidade da década de 1950. A sensação de inferioridade resultante acabou vencendo a pouca história e decidiram pela demolição do edifício, que deveria dar lugar a uma referência nacional em arquitetura de clubes recreativos.

Goiânia dependia de arquitetos que ou eram forasteiros, ou eram goianos formados em outras capitais, principalmente no Rio de Janeiro. O primeiro curso de arquitetura do Estado foi aberto na então Universidade Católica de Goiás apenas em 1968. Logo, para conceber uma estrutura de referência, o melhor caminho era implantar um concurso nacional de projetos de arquitetura, que atraísse profissionais de outros Estados, ávidos por alavancar ou incrementar a carreira. Em fins de 1962 instalou-se o concurso nacional de arquitetura para nova sede social do Jóquei Clube de Goiás. O resultado do concurso foi divulgado já em 1963. Venceu um arquiteto jovem, capixaba, residente em São Paulo, formado em arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1954, Paulo Mendes da Rocha. Também assinou o projeto o seu colega de turma na universidade, João Eduardo de Gennaro. Os dois arquitetos haviam vencido outro concurso nacional apenas quatro anos antes, para um novo ginásio esportivo para o Clube Atlético Paulistano, em São Paulo. Essas duas vitórias em concursos nacionais tornaram a dupla prematuramente conhecida. Paulo Mendes da Rocha, por sua índole forte, discurso eloquente e, por isso, grande capacidade de autoafirmação, terminou eclipsando a figura de seu companheiro de ofício. A antiga sede foi então demolida para dar lugar ao novo projeto.

A proposta previa a implantação de uma rua transversal à quadra, criando uma escala intermediária entre os espaços mais públicos da Av. Anhanguera e da Rua 3, e o espaço privado do interior do clube. Além disso, esse acesso, sem fechamentos em relação às referidas ruas, terminava por encurtar a dimensão da quadra, permitindo que pedestres a utilizassem como atalho entre regiões mais residenciais (próximas à Rua 3) e mais comerciais (próximas à Av. Anhanguera). Os arquitetos perceberam que a exagerada dimensão da quadra onde se localizaria o novo clube era negativa para a cidade, pois se caracterizava como uma barreira. A solução proposta antecipou a preocupação dos arquitetos em relação às dinâmicas urbanas modernas, que se refletiria em outros projetos dos mesmos autores ao longo da segunda metade do século 20.

A nova sede do Jóquei Clube se organizaria em três pavimentos, sendo o térreo destinado à cozinha do restaurante, salão de festas, sauna, quadra poliesportiva, vestiários e acesso ao bosque preexistente; o segundo pavimento era destinado às piscinas e a um restaurante com salão de jogos; e o mezanino (último pavimento), de dimensões reduzidas, seria destinado a um bar. Uma única cobertura de concreto abrigaria todos os ambientes que precisam de proteção contra as intempéries, deixando expostas as piscinas e o bosque. Como o pavimento das piscinas seria elevado em relação ao nível de acesso térreo e a piscina infantil teria pouca profundidade, o acesso ao clube se daria por um largo corredor que passaria por baixo da piscina infantil. Por causa desse artifício, a altura (pé-direito) desse ambiente de acesso seria reduzida e pouco iluminada, assemelhando-se a um túnel. Em contraste, após cruzar esse percurso de entrada, o usuário se encontraria sob a grande cobertura de concreto armado, a uma altura de três andares, o que deveria resultar

em um efeito psicológico de surpresa. A mesma estratégia fora utilizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer ao conceber o percurso de entrada para a Catedral de Brasília, em 1958.

FIGURA 4 – Corredor de entrada do Jôquei Clube, sob a piscina infantil



FONTE: acervo do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. AV Monografias. Paulo Mendes da Rocha: 1958-2013. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2013, edição 161, p. 33.

O espaço sob a cobertura recebe iluminação das laterais, com vista para as piscinas, de um lado, e para o bosque, do outro, mas também iluminação complementar por claraboias (aberturas para iluminação na laje de cobertura). Para além de sua função pragmática, as claraboias têm a função de introduzir verticalidade no ambiente, aumentando a sensação de distância entre o piso e o teto. O principal conjunto de claraboias encontra-se na justa posição do usuário ao sair do corredor de acesso, criando um efeito simbólico importante para o conjunto. Próximo ao meio-dia é possível observar a luz atingir o chão. No restante do dia a luz torna-se difusa.

Outro importante elemento presente no espaço interno é o conjunto de pilares compostos por prismas de secção triangular entrecruzados. Já em seu primeiro projeto vencedor de concurso, o anteriormente citado Ginásio para o Clube Atlético Paulistano, de 1958, os arquitetos recorreram à expressividade plástica dos pilares como recurso estético. No caso do Jôquei Clube de Goiás, contudo, esse recurso precisaria incorporar também a solução de um problema estrutural diferente: como a cobertura de concreto armado seria muito extensa, a dilatação decorrente do calor do Sol poderia resultar em colapso do edifício. O engenheiro Siguer Mitsutani elaborou uma resposta engenhosa, embora simples: seccionar os pilares horizontalmente, através de uma junta de dilatação, de maneira que todo o conjunto edificado acima da junta pudesse se dilatar e deslocar livremente.

Completando o espaço de entrada, uma rampa interliga os pavimentos principais. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha reutilizaria essa solução em outros projetos: ao invés de separar as distintas funções do edifício com paredes e portas, cria níveis de pisos diferentes para cada função. Desse modo, o espaço torna-se visualmente fluido/interconectado e a vitalidade de uma função, derivada dos ruídos das conversas, da música e dos jogos, soma-

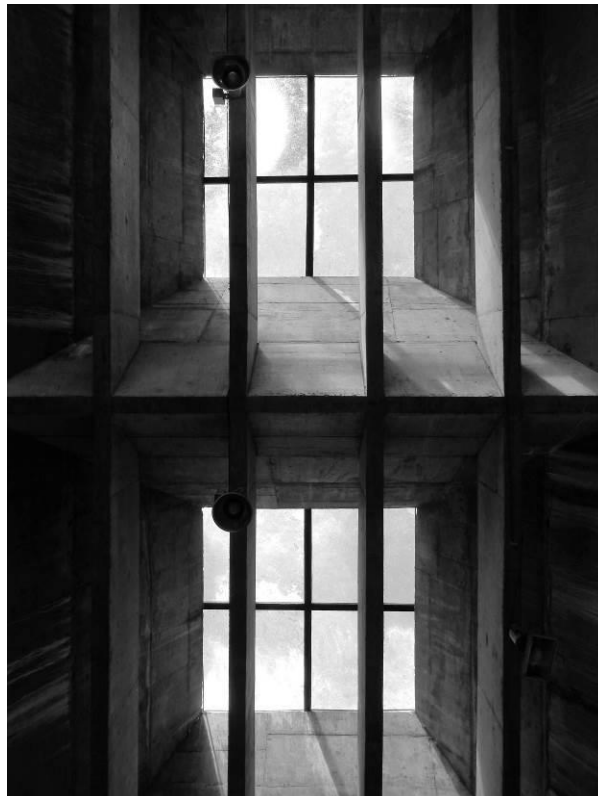
se às demais, criando um conjunto de ambientes de caráter mais festivo, estimulando o sentido de coletividade que é a própria razão de ser de um clube.

FIGURA 5 – ambiente de entrada do Jockey Clube. Notar o final do corredor de acesso, de altura reduzida, os diferentes níveis de pisos, conectados pela rampa, e o pilar seccionado pela junta de dilatação horizontal



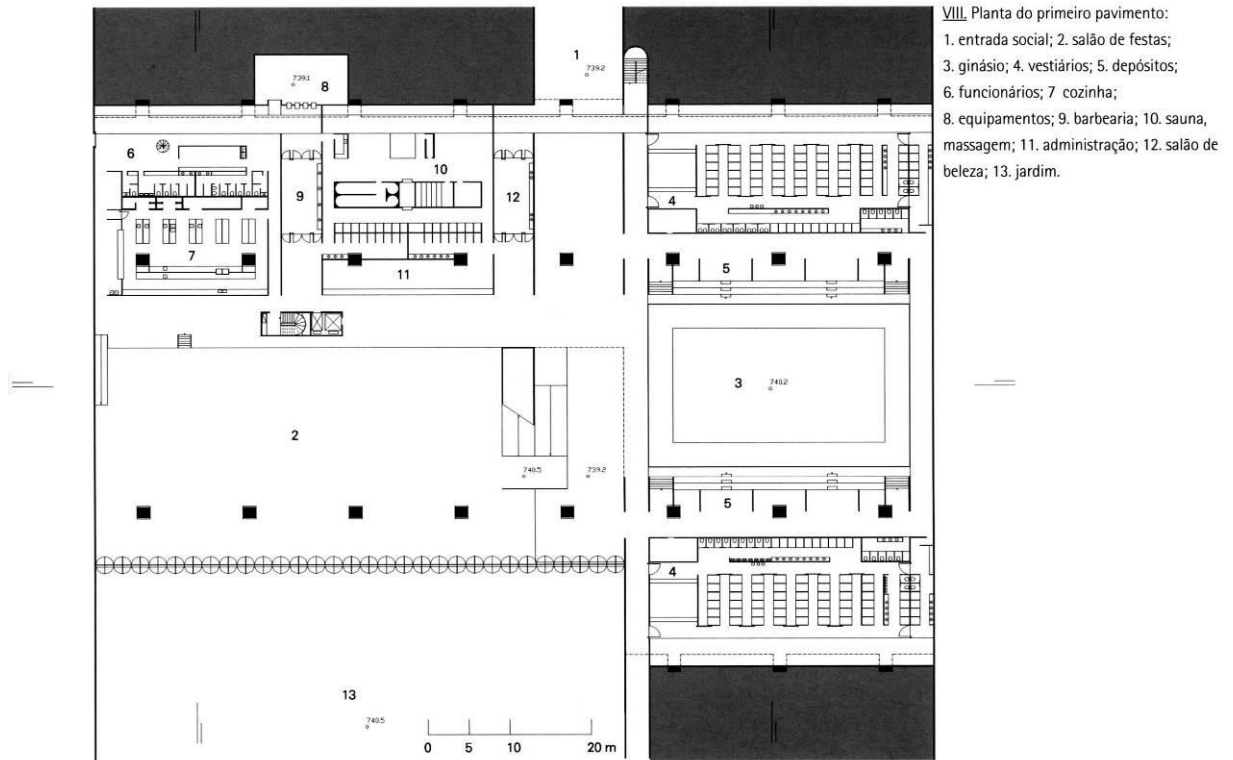
FONTE: Lucas Jordano (2014)

FIGURA 6 – imagem direcionada à laje de cobertura, onde se observam as claraboias



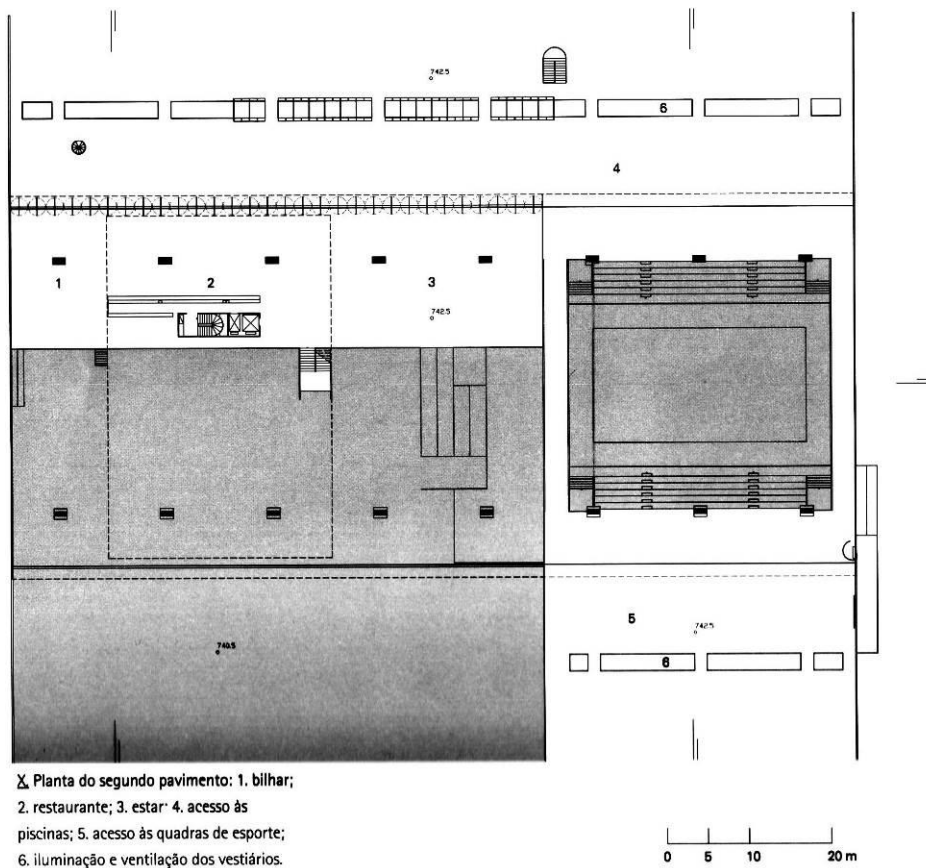
FONTE: Lucas Jordano (2014)

FIGURA 7 – Planta do Pavimento Térreo



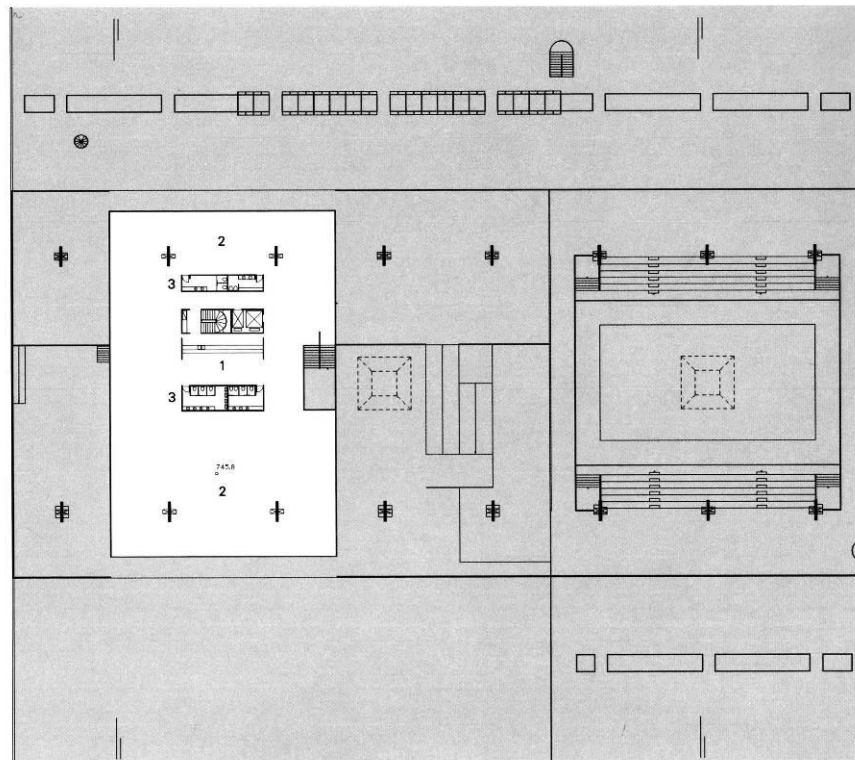
FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 126-129.

FIGURA 8 – Planta do Segundo Pavimento



FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 126-129.

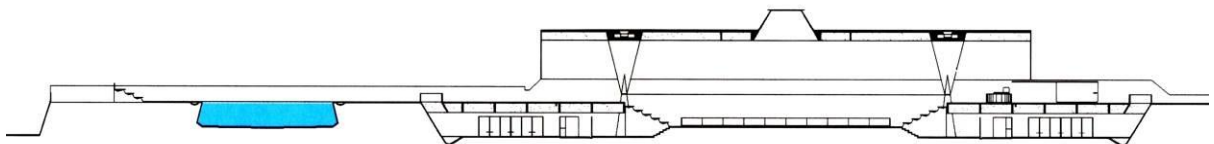
FIGURA 9 – Planta do Mezanino



XII, Planta do terceiro pavimento: 1. bar
2. salão; 3. sanitários.

FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 126-129.

FIGURA 10 – Secção transversal à cobertura, apresentando a quadra poliesportiva e os vestiários.



FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 126-129.

Cuidado especial quanto à iluminação foi dado também aos vestiários. Visto que situados sob a laje das piscinas, não têm contato com o exterior através das paredes, assemelhando-se a criptas. A iluminação dá-se, então, através de claraboias implantadas junto a arrimos de contenção inclinados. Ao contrário das claraboias do espaço central, fechadas com vidro, as dos vestiários são abertas às intempéries. Os arquitetos solucionam o problema da água da chuva criando uma canaleta de concreto próxima ao arrimo inclinado. Com isso, a água da chuva poderia escorrer pelo arrimo e criar um fio de água corrente na canaleta, dentro do próprio espaço do vestiário, criando um efeito lúdico certamente incomum a esse tipo de ambiente.

FIGURA 11 – aspecto dos vestiários.

Observar a claraboia de iluminação, o arrimo inclinado e a canaleta para escoamento das águas pluviais.



FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 126-129.

Pelo exposto, nota-se que, embora a demolição da primeira sede do Jockey Clube tenha sido uma perda irreparável, o novo edifício apresenta um conjunto de paradigmas urbanos, técnicos e estéticos, muito bem orquestrados pela linguagem da época. Constitui-se em peça importante da cultura arquitetônica brasileira e um novo marco qualitativo para as construções do Estado de Goiás.

No que respeita a etapa de construção do edifício, importa destacar que a dupla de arquitetos não podia prescindir de uma parceria com um escritório local, tanto para consultoria de legislação como para acompanhamento da obra. O arquiteto Eurico Calixto de Godói foi o encarregado, como atestam as placas expostas na borda do canteiro de obras:

FIGURA 12 – fotografia do Jockey Clube em Obras



FONTE: acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás (cód. AF7579).

FIGURA 13 – placas de identificação dos responsáveis pelos serviços de arquitetura: Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, autores, e Eurico Calixto de Godói, acompanhamento de obra.

FIGURA 14 – placa de identificação do responsável técnico pelos serviços de engenharia civil: Alafor – Magalhaes Gouvêa Engenharia e Comércio S.A.



FONTE: acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás – ampliação de trechos do original (cód. AF7579).

Muitos rumores cercavam os nomes dos que participaram efetivamente do empreendimento, ao lado de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro. Como não havia mídia especializada ou pesquisas acadêmicas na área de arquitetura em Goiás, não era difícil construir assertivas falsas. Por sorte, a descoberta da fotografia anterior (figura 12) possibilitou recuperar a verdade. Isso também ocorreu em relação às firmas de engenharia encarregadas da obra. Na mesma fotografia é possível identificar uma empresa de sondagens e projetos de fundações, a Tecnosolo, de D. J. Bernardes, a Estacas Franki Ltda. Fundações, cujo mesmo engenheiro, D. J. Bernardes, era o representante em Goiás, e a Alafor – Magalhaes Gouvêa Engenharia e Comércio S.A., de São Paulo.

2. Alterações mais relevantes

Como todo projeto de arquitetura de grandes dimensões e complexidade funcional, as primeiras alterações são feitas pelos próprios arquitetos no decorrer da transformação dos desenhos técnicos em construção. No caso do Jóquei Clube de Goiás, cabe destacar a alteração da escada proposta para conectar o nível de entrada ao nível das piscinas. Nas plantas apresentadas nas figuras 7 e 8 observa-se que a escada fora projetada com dois lances paralelos e um patamar semicircular. Todavia, a escada construída é helicoidal, confinada em uma parede de concreto que acompanha sua curvatura.

FIGURA 15 – escada de conexão entre o pavimento térreo e a área das piscinas



FONTE: Lucas Jordano (2014)

A alteração da escada, entretanto, se inscreve no âmbito do processo de projeto, que só se conclui com a obra.

Embora o edifício seja antipático em relação ao meio urbano, protegendo suas funções em altas paredes de concreto, os sócios concluíram que havia exposição excessiva dos frequentadores da área das piscinas, cujas silhuetas podiam ser vistas tanto da Avenida Anhanguera como a partir da Rua 3, devido ao baixo guarda-corpo de concreto. Em ano não identificado, decidiu-se pela elevação do guarda-corpo, constituindo uma parede que impediria o contato visual entre o interior e o exterior do clube. Isso alterou sua silhueta, camuflando um detalhe formal da transição entre o volume da parte fechada do clube e o que conforma as piscinas.

FIGURA 16 – fachada da Av. Anhanguera com silhueta original marcada em amarelo

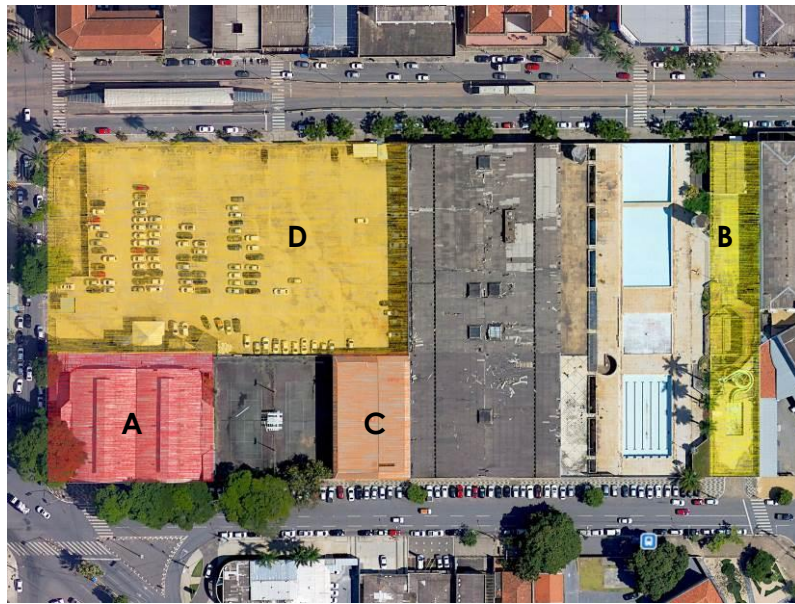


FONTE: acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás (cód. DP00819).

Na figura anterior vê-se também uma torre cilíndrica de concreto que não fazia parte do conjunto construído originalmente, assentada nas bordas de uma escada de serviço que conecta o setor de funcionários, no pavimento térreo, ao nível das piscinas. Embora o volume de construção da torre seja reduzido, sua proximidade com o volume coberto principal e sua relativa verticalidade, interfere negativamente na harmonia do conjunto.

A partir da década de 1980, o Jockey Clube passou por grandes adições ou subtrações à unidade original, conforme a figura a seguir:

FIGURA 17 – principais intervenções em torno do edifício: **A** – Primeira cobertura metálica; **B** – Laje para criação de estacionamento coberto; **C** – Segunda cobertura metálica; **D** – Desmatamento do bosque.



FONTE: Google Earth (2019) – editado pelo autor

A primeira adição foi uma cobertura conformada por dois arcos em estrutura metálica, na esquina Sudoeste do lote, para ampliar o número de quadras esportivas cobertas, visto que no projeto original apenas uma, posicionada dentro do volume principal, possuía resguardo contra as intempéries.

FIGURA 18 – indicação da primeira cobertura metálica adicionada ao conjunto



FONTE: acervo Secretaria de Planejamento de Goiânia (autoria: IPLAN)

Na mesma década, o arquiteto Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro foi contratado para solucionar uma demanda por vagas cobertas privativas para veículos. A proposta foi cobrir a rua transversal à quadra que os arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro previram como ambiente de transição entre a cidade e o clube. Utilizando uma laje de concreto armado, criou-se simultaneamente uma expansão da área de lazer associada às piscinas, com nível um pouco mais elevado, de modo a constituir um espaço infantil em separado. Com isso, também a relação de entrada do clube foi modificada. Originalmente, a porta do edifício não era visível a partir das ruas, criando uma interface inusitada entre o público e o privado, um dos pontos mais criativos do projeto. Com a adição da laje sobre a rua transversal, a relação com o contexto urbano perdeu seu caráter insólito e um portão de ferro foi adicionado no limite da cobertura, na calçada da Rua 3. Ao lado do portão, a arquiteta Maria Eliana Jubé Ribeiro instalou um painel artístico de cerâmica esmaltada, de sua autoria.

FIGURA 19 – entrada atual do Jôquei Clube



FONTE: Lucas Jordano (2019)

FIGURA 20 - área de estacionamento criada com a construção da laje sobre a rua transversal



FONTE: Lucas Jordano (2019)

Posteriormente, uma nova cobertura metálica para quadras esportivas foi construída, dessa vez contígua ao volume principal, sobre os vestiários masculinos. Logo, o dano desse anexo foi simultaneamente para a silhueta do conjunto e para a espacialidade do interior.

FIGURA 21 – fachada da Rua 3. Notar cobertura metálica anexa.



FONTE: Lucas Jordano (2019)

FIGURA 22 – interior do vestiário masculino, após cobertura metálica externa que encobriu a claraboia.



FONTE: Lucas Jordano (2014)

As modificações mais recentes foram promovidas após uma associação realizada com a Faculdade Padrão (Associação de Educação e Cultura de Goiânia Ltda.), no ano de 2008. A administração do clube passava por sérios problemas financeiros, com endividamentos gerados pela queda crescente de receita, devido ao afastamento de sócios e desuso do espaço. O acordo entre as duas entidades previa que a empresa de ensino pudesse adaptar parte da estrutura do clube de acordo com as novas demandas. A primeira medida foi iniciar uma reforma no primeiro anexo em cobertura metálica, na esquina Sudoeste do lote, inserindo lajes e fechamentos em alvenaria para instalação de salas de aula. Essa obra nunca chegou a ser concluída. A segunda intervenção foi certamente a mais grave pela qual o conjunto passou: o desmatamento do bosque, cobrindo toda a área com pavimentação de concreto, de modo a convertê-la em um estacionamento de veículos para os alunos da faculdade. A faculdade nunca chegou a se instalar no local, mas os danos são de difícil reparação.

FIGURA 23 – obra inacabada da Faculdade Padrão, aproveitando a primeira cobertura metálica inserida no conjunto, na esquina Sudoeste do lote.



FONTE: Lucas Jordano (2019)

FIGURA 24 – desmatamento do bosque e pavimentação para implantação de estacionamento.



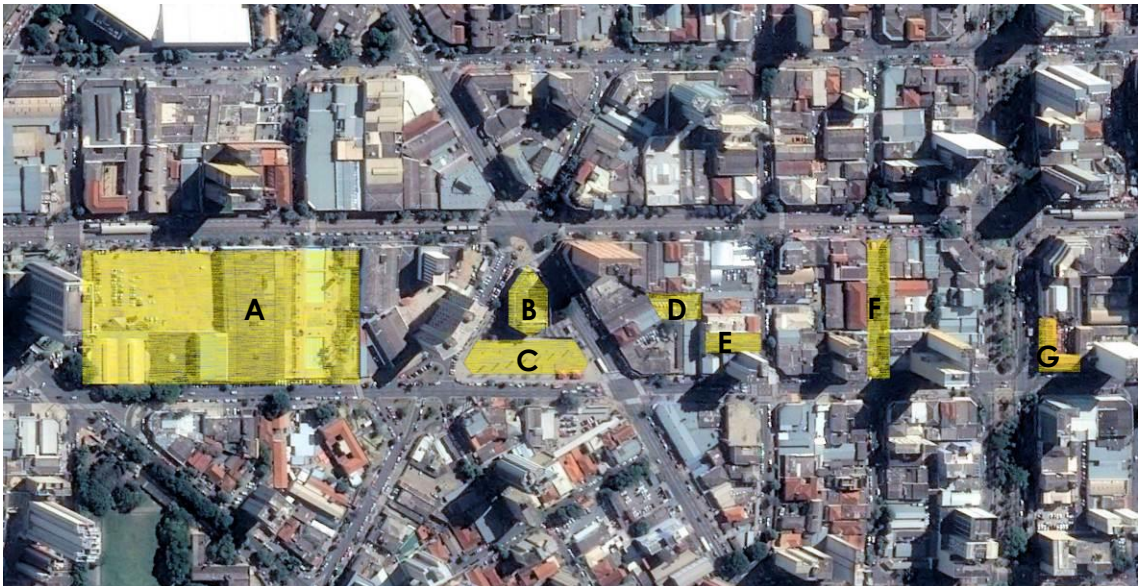
FONTE: Lucas Jordano (2011)

3. Situação do contexto urbano-cultural

Com o passar das décadas, a porção do centro da cidade onde se localiza o Jóquei Clube passou a incorporar outros usos relativos ao lazer e a cultura. Alguns usos tornaram-se obsoletos, como o do Grande Hotel, localizado na esquina da Av. Goiás com a Rua 3. Por outro lado, na calçada do hotel ainda ocorrem eventos musicais noturnos. O hotel passou a importar como cenário histórico para a cultura ainda viva. O trecho da Rua 8 entre a Av. Anhanguera e a Rua 3 foi fechado ao trânsito de veículos, como experiência de espaço urbano para comércio e lazer. Ao contrário do que ocorreu em casos análogos em outras capitais, como a Rua Otávio Rocha e a Rua dos Andradas, em Porto Alegre, a Rua 15 de Novembro, em Curitiba, as ruas Nova Barão e Barão de Itapetininga, em São Paulo, as ruas 7 de Setembro e da Alfândega, no Rio de Janeiro, as ruas Duque de Caxias e da Imperatriz, no Recife, ou a rua Conselheiro João Alfredo, em Belém, a Rua 8 do Centro de Goiânia não tem extensão suficiente para permitir a densidade e variedade de comércio que poderiam garantir-lhe a vitalidade. Com isso, a experiência definhou em abandono. Por

outro lado, o Cine Ouro continua em funcionamento, e a porção central da quadra por ele ocupada passou de lugar ermo, apenas para abastecimento das galerias comerciais, em ponto de encontro de jovens, que batizaram o local como Beco da Codorna. Também a quadra ocupada pelo Teatro Goiânia foi parcialmente revitalizada com a introdução de um espaço expositivo em subsolo, denominado Vila Cultural Cora Coralina. Essa ação, contudo, não se atrelou a presença do Teatro, que tem utilização cada vez mais esporádica. O Jóquei Clube insere-se nesse contexto espacial e com a mesma caracterização de obsolescência de uso. Isso não significa, importa ressaltar, que sua estrutura física não comporte outras funções, diversas daquela para a qual foi projetado. Porém, como é um problema conjuntural, da região do centro de Goiânia onde se insere, apenas um projeto em escala urbana, que considere os diversos espaços em desuso em consonância com demandas por habitação, comércio e infraestrutura, poderá reverter o quadro.

FIGURA 25 – Eixo Cultural potencial no Centro de Goiânia: **A** - Jóquei Clube; **B** - Teatro Goiânia; **C** - Vila Cultural Cora Coralina; **D** - Beco da Codorna; **E** - Cine Ouro; **F** - Rua 8 (Rua do Lazer); **G** - Grande Hotel



FONTE: Google Earth (2017) – editado pelo autor

4. Argumentação acerca da possibilidade de tombamento

O Artigo 1º do Decreto-Lei Nº 25, de 1937, que regulamenta a proteção do patrimônio material brasileiro, define que:

Constitui o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Após a apresentação do histórico, da descrição do projeto e do contexto urbano do Jóquei Clube de Goiás, sustentar-se-á, por meio de quatro argumentos, que o edifício em questão deve ser considerado como bem imóvel de excepcional valor artístico e, por isso, deve ser inscrito no Livro de Tombo das Artes Aplicadas, como meio de proteger um patrimônio brasileiro.

O primeiro argumento refere-se a inserção do edifício no cenário mundial, representante de um estilo difundido após a Segunda Guerra, e nacional, como experiência

importante na construção de um “discurso” ético dentro de um conjunto de ensaios arquitetônicos brasileiros. O segundo argumento visa apontar a divulgação do edifício do Jóquei Clube de Goiás em publicações internacionais, de modo a evidenciar o reconhecimento de sua qualidade diante da heterogeneidade cultural do mundo. O terceiro argumento é o do reconhecimento, também internacional, do principal autor do projeto arquitetônico do edifício, a saber, Paulo Mendes da Rocha, por meio da outorga de condecorações que destacam a importância de sua visão de arquitetura em um cenário global. Por fim, o quarto argumento intenta apresentar a solução ecológica do projeto como paradigma de ação urbana para a cidade de Goiânia.

1º Argumento: a importância do edifício no contexto arquitetônico nacional

No contexto arquitetônico internacional, o século 20 foi marcado pela substituição da linguagem clássica, corrente desde o final do século 18, por uma linguagem ainda hoje intitulada Moderna. A simetria foi substituída pela assimetria, os ambientes compartimentados transformaram-se em espaços interconectados e os elementos figurativos e rebuscados deram lugar a um esquematismo geométrico radical. Essa nova arquitetura evoluiu durante a primeira metade do século 20, até a Segunda Guerra Mundial, quando deu lugar a uma variação com experiências simultâneas em todo o mundo: tratava-se de uma arquitetura concebida para a expressão de materiais artesanais, como o tijolo e o concreto armado, sem quaisquer revestimentos. Essa variante da Arquitetura Moderna nasceu como símbolo da descrença nas aparências: uma sociedade europeia de formalismos sociais conduziu o continente a uma guerra injustificada. Logo, a nobreza moral deveria ser provada nas coisas em seu estado bruto, sem a possibilidade da distorção de valores advinda da polidez das superfícies. O primeiro ensaio internacionalmente relevante desse tipo de arquitetura foi a Unidade de Habitação de Marselha, na França, um alongado edifício de apartamentos projetado em 1947 pelo arquiteto Charles-Edouard Jeanneret, sob o pseudônimo Le Corbusier, que batizou o resultado do concreto armado exposto como *béton brut* (concreto bruto). Disto resultou o nome *Arquitetura Brutalista*, ou apenas *Brutalismo*.

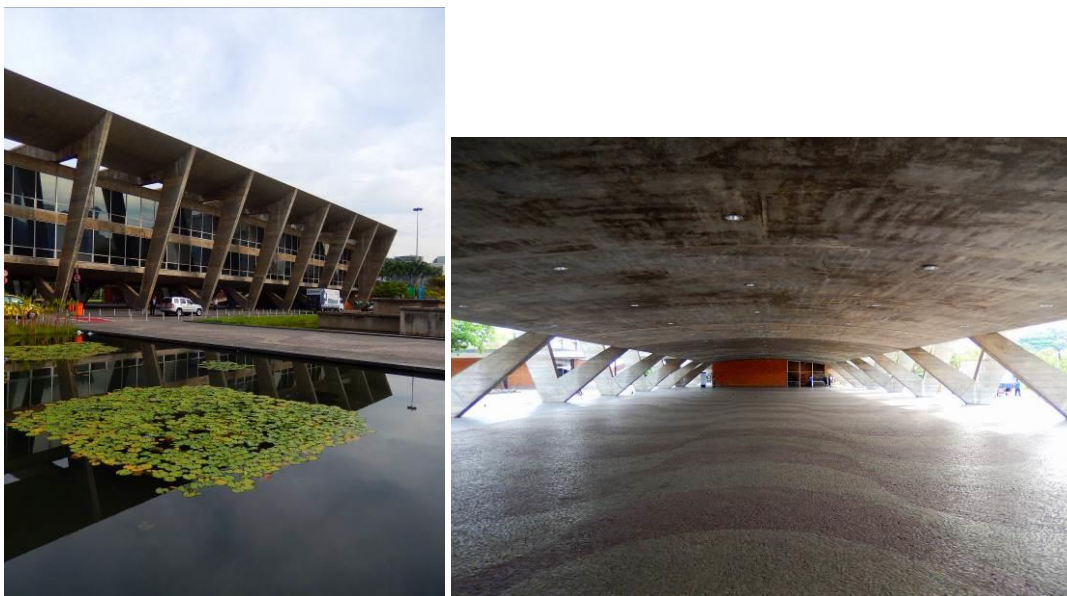
FIGURA 26 – Unidade de Habitação de Marselha (1947) – arquiteto Le Corbusier



FONTE: disponível em <<http://blog.everlastingfootprint.com/wp-content/uploads/2014/08/Unite-dHabitation.jpg>>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

No Brasil, a primeira experiência Brutalista em um edifício de escala coletiva foi o projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), em 1953 (inaugurado apenas em 1967), concebido pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, no Aterro do Flamengo. Embora o edifício tenha feições decorrentes da técnica do concreto armado aparente de Le Corbusier, Reidy incorporou um manifesto político-social materializado no próprio espaço: a construção como grande praça pública coberta. A estrutura de vigas e pilares permitiu suspender os ambientes expositivos para criação de um espaço democrático protegido dos rigores e inconstâncias do clima. Essa posição demonstra claro enraizamento na realidade social brasileira, formada por uma massa de cidadãos que vive completamente apartada da produção da cultura formal. A criação da praça coberta, sem uma função definida, é um modo de convidar à existência da diversidade.

FIGURAS 27 e 28 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1953-1967) – arquiteto Affonso Eduardo Reidy



FONTE: Lucas Jordano (2014)

Em São Paulo, os reflexos da postura do arquiteto Affonso Reidy não tardaram: em 1957 a arquiteta italiana Achillina Bo (conhecida como Lina Bo Bardi), casada com o marchand e crítico de arte Pietro Maria Bardi, projetou o Museu de Arte de São Paulo (MASP), inaugurado apenas em 1968, no qual o grande valor urbano advém justamente da criação da praça pública sob a pinacoteca. Embora fosse uma exigência do termo de expropriação do terreno que o edifício não impedisse à vista ao vale que abaixo dele se estendia, o projeto poderia ter tomado rumos diversos. Porém, apenas em 1961 a tese sobre o edifício democrático brasileiro ganhou contornos de modelo a ser difundido, com o projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP, inaugurada em 1969), nascida do espírito politicamente engajado do arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Enquanto o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte de São Paulo introduziram a praça coberta em um contexto apartado do funcionamento interno do edifício, a FAU-USP foi concebida tendo a praça coberta em seu interior, ao redor da qual foram dispostos os ambientes necessários ao bom e correto funcionamento da instituição. A praça coberta passa a definir a dinâmica de uso do espaço interno, através da sua apropriação pelos alunos. Ao passo que os referidos museus garantem o espaço democrático, a FAU-USP garante que os ruídos dessa democracia sejam ouvidos e possam ameaçar qualquer possibilidade de indiferença.

FIGURA 29 – Museu de Arte de São Paulo (1957-1968) – arquiteta Archilina Bo
 FIGURA 30 – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (1961-1969) – arquiteto Vilanova Artigas



FONTE: Lucas Jordano (2016)

Em 1962, em Goiânia, foi organizado um concurso nacional de projetos de arquitetura, para a nova sede social do Jockey Clube de Goiás, cujo vencedor foi o arquiteto Paulo Mendes da Rocha e seu colaborador, o também arquiteto João Eduardo de Gennaro, que estavam imersos no contexto exposto. A proposta era mais uma contribuição à construção desse modelo de edifício democrático brasileiro: mais uma grande praça coberta, embora distinta das anteriores. Os arquitetos articularam os principais ambientes necessários, a saber, quadra poliesportiva, salão de festas, cozinha do restaurante e vestiários, em níveis altimétricos diversos, porém submetidos à mesma cobertura em concreto armado aparente. Essa decisão de projeto permite que cada usuário tenha seu justo lugar dentro do edifício, mas que consiga visualizar e interagir com os demais. Reitera, como no projeto da FAU-USP, que a democracia não precisa ser construída sobre a ausência de distinções, mas estabelece um modelo onde as diferenças se apresentam mais diluídas.

FIGURA 31 – Jockey Clube de Goiás (1962-1973) – arquiteto Paulo Mendes da Rocha



FONTE: Lucas Jordano (2011)

Os três exemplos anteriores ainda estavam em construção quando ocorreu o concurso para a nova sede do Jockey Clube. Logo, esse projeto é contemporâneo à gestação de uma nova etapa da arquitetura brasileira. Paulo Mendes da Rocha não pretendia seguir um caminho seguro, já experimentado, mas aspirava contribuir com a construção de um discurso nacional. Pelo resultado alcançado e pelo seu contexto cronológico, o Jockey Clube caracteriza-se como um dos protagonistas da arquitetura brasileira no século 20. Não é um simples testemunho, mas um protesto genuíno em favor de uma arquitetura da democracia brasileira.

2º Argumento: o reconhecimento internacional do edifício

Em 1999 e 2000, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha ganhou seguidamente o prêmio Mies Van der Rohe para arquitetura latino-americana. Por conta disso, o interesse pela sua produção aumentou e reverberou em publicações especializadas no Brasil e na Europa. Importa notar que em todas essas publicações o Jockey Clube de Goiás se faz presente. Como cada publicação precisa rejeitar a maior parte da produção do arquiteto, por limitações de custo, a presença constante do Jockey Clube de Goiás revela o seu valor não apenas para o Brasil, mas para o mundo, interessado nessa específica manifestação de uma arquitetura ao mesmo tempo global, por vínculo com o Brutalismo, e local, por expressar um modelo brasileiro de uma arquitetura democrática.

No ano de 2002 a editora suíça Niggli publicou um livro organizado por Annette Spiro em edição bilingue, alemão-inglês, com os principais projetos da carreira do arquiteto. O livro, ilustrado com fotografias do acervo do próprio Paulo Mendes da Rocha, traz também esboços digitalizados e desenhos técnicos. Na página 112 inicia-se a exposição do projeto do Jockey Clube de Goiás.

FIGURAS 32 e 33 – digitalizações do livro Paulo Mendes da Rocha: bauten und projekte, de autoria de Annette Spiro, da editoria suíça Niggli

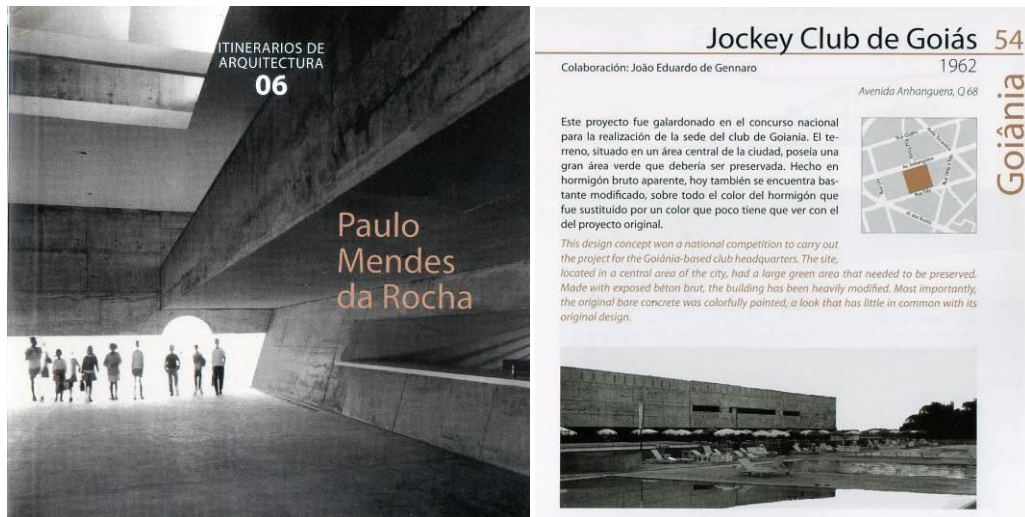


FONTE: SPIRO, Annette. Paulo Mendes da Rocha: bauten und projekte. Zurich: Niggli, 2002.

De edição espanhola, foi realizado um levantamento exaustivo da obra do referido arquiteto, que resultou em um guia ilustrado acompanhado de DVD com desenhos e imagens de cada projeto. Trata-se do sexto volume da coleção Itinerários de Arquitectura, publicado pela Fundación Arquitectura Contemporánea em 2011, organizado por

Catherine Otondo e José Paulo Gouvêa. A publicação impressa organiza os projetos geograficamente, começando por aqueles construídos no Estado de São Paulo, o que faz com que o Jôquei Clube de Goiás apareça apenas na ficha 54. Comparecem informações como a rua de referência, Av. Anhanguera, e o número da quadra, 68.

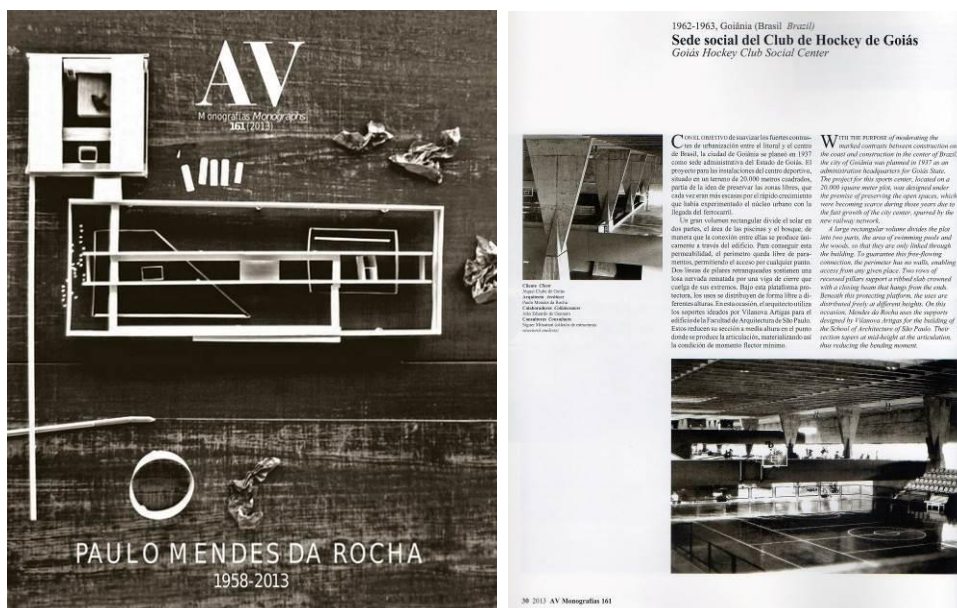
FIGURAS 34 e 35 – digitalizações da publicação espanhola Itinerarios de Arquitectura, número 06



FONTE: OTONDO, Catherine e GOUVÊA, José Paulo. Paulo Mendes da Rocha. Madrid: Fundación Arquitectura Contemporánea, 2011.

Em 2013, a revista espanhola *Arquitectura Viva* (AV) publicou uma edição monográfica sobre Paulo Mendes da Rocha, na qual tem destaque também o projeto do Jôquei Clube de Goiás, apresentado a partir da página 30. Apesar do cuidado na seleção das imagens e na quantidade de páginas para exposição do projeto, ele foi erroneamente identificado como “Club de Hockey”. Por outro lado, constam o nome do arquiteto colaborador, João Eduardo de Gennaro, e do engenheiro responsável pelo cálculo da estrutura, Siguer Mitsutani.

FIGURAS 36 e 37 – digitalizações da revista espanhola AV Monografías, número 161



FONTE: AV Monografías. Paulo Mendes da Rocha: 1958-2013. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2013, edição 161.

Também em 2013 a editora alemã DOM Publishers publicou um guia sobre arquitetura moderna brasileira, com seleção de obras feita pelas alemãs Anke Tiggemann e Lawrence Kimmel, e pelo arquiteto brasileiro Bruno Santa Cecília. O esforço de escolha tentou estabelecer apenas os edifícios mais representativos de cada região do país. Como se tratava de um guia, cada edifício é exposto com uma breve descrição, uma ou duas fotografias e um código QR para leitura em celular. O código faz o direcionamento para um aplicativo de mapeamento por satélite com a localização de cada edificação presente no livro. O Jóquei Clube aparece na página 228.

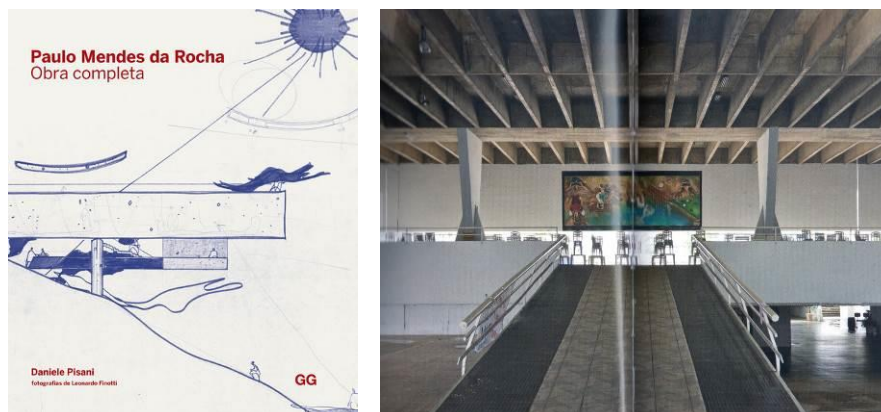
FIGURAS 38 e 39 – digitalizações do livro Architectural Guide Brazil



FONTE: KIMMEL, Laurence, SANTA CECÍLIA, Bruno, e TIGGEMANN, Anke. Architectural Guide Brazil. Berlin: Dom Publishers, 2013.

Por fim, ainda no ano de 2013, o italiano Daniele Pisani publicou o resultado de sua tese de doutorado, na Itália, sobre o arquiteto Paulo Mendes da Rocha. A publicação foi feita primeiramente pela Editora Electa Mondadori, da Itália. Posteriormente, surgiram edições da Gustavo Gili, de Barcelona, e da Rizzoli, de Nova York. Ao contrário dos demais livros sobre o arquiteto, este tem a pretensão de atrelar a produção à biografia e à visão de mundo do autor, de modo a se aproximar de seus valores. Há uma foto de página dupla do Jóquei Clube de Goiás (páginas 72 e 73 da edição da editora Gustavo Gili).

FIGURAS 40 e 41 – digitalizações da edição espanhola do livro Paulo Mendes da Rocha: obra completa, escrito pelo italiano Daniele Pisani



FONTE: PISANI, Daniele. Paulo Mendes da Rocha: obra completa. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

Aliada à consciência acerca da qualidade e da relevância internacional do edifício do Jockey Club de Goiás, as instituições estrangeiras estão também cientes de seu estado de conservação ruim e dos riscos que isso pode acarretar à preservação de um patrimônio de interesse para o mundo. Não é, contudo, uma situação específica do Jockey Club ou de edifícios no Brasil. Mesmo em países europeus existem edifícios de Arquitetura Brutalista, com qualidades muito distintas, mal conservados por negligência. Por causa disso, o Museu Alemão de Arquitetura (Deutsches Architekturmuseum), com sede em Frankfurt, criou um grupo intitulado *S.O.S. Brutalism*, com a função de catalogar e denunciar exemplares arquitetônicos desse estilo que possuem relevância para além de suas fronteiras de origem. Três edifícios projetados por Paulo Mendes da Rocha fazem parte do catálogo (disponível em <http://www.sosbrutalism.org>): a residência do arquiteto no bairro do Butantã, em São Paulo, o Museu Brasileiro da Escultura, também em São Paulo, e o Jockey Club de Goiás, em Goiânia. Desses, apenas o Jockey Club é identificado com uma tarja vermelha, indicando estado de conservação precário.

FIGURA 42 – captura de tela do site S.O.S. Brutalism, na qual se observa o Jockey Club de Goiás



FONTE: Disponível em <<http://www.sosbrutalism.org/cms/15890871>>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

Pelo material exposto, fica comprovado o interesse internacional pelo edifício do Jockey Club de Goiás.

3º Argumento: o reconhecimento internacional do autor

A maior parte das premiações internacionais de arquitetura destina-se a reconhecer carreiras. Por conta disso, quase todos os congratulados têm já idade avançada. Esses são os casos do Prêmio Pritzker, concedido pela fundação homônima com sede nos Estados Unidos, do Prêmio Imperiale, do Japão, da Medalha de Ouro do Instituto Real dos Arquitetos Britânicos (Royal Institute of British Architects – RIBA) e do Leão de Ouro, de Veneza. Paulo Mendes da Rocha foi galardoado com o Pritzker em 2006, com o Leão de Ouro e o Prêmio Imperiale em 2016 e com a Medalha de Ouro do RIBA em 2017. Dentre todos os arquitetos brasileiros, apenas Oscar Niemeyer havia sido condecorado com todas essas honrarias internacionais: recebeu o Prêmio Pritzker em 1988, o Leão de Ouro em 1996, a Medalha de Ouro do RIBA em 1998 e, tardiamente, o Prêmio Imperiale em 2004.

FIGURA 43 – entrega do Prêmio Pritzker, em 2006

FIGURA 44 – entrega do Leão de Ouro de Veneza, em 2016

FIGURA 45 – entrega do Prêmio Imperiale (recebido por seu filho, Pedro Mendes da Rocha), em 2016

FIGURA 46 – entrega da Medalha de Ouro do RIBA, em 2017



FONTE (figura 43): Disponível em <<http://www.pritzkerprize.com/sites/default/files/styles/gallery/public/2006-ce-08.jpg?itok=jTVkISio>>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

FONTE (figura 44): Disponível em <https://images.adsttc.com/media/images/5749/877e/e58e/ceea/7900/0109/slideshow/Mendes_Da_Rocha02.jpg?1464436595>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

FONTE (figura 45): Disponível em <<https://japan-forward.com/app/uploads/2016世界文化賞.jpg>>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

FONTE (figura 46): Disponível em <[https://images.adsttc.com/media/images/5891/e5df/e58e/ce6e/c700/0104/large_jpg/Paulo_Mendes_da_Rocha_with_Royal_Gold_Medal_\(c\)_Morley_von_Sternberg_reduced_\(Custom\).jpg?1485956568](https://images.adsttc.com/media/images/5891/e5df/e58e/ce6e/c700/0104/large_jpg/Paulo_Mendes_da_Rocha_with_Royal_Gold_Medal_(c)_Morley_von_Sternberg_reduced_(Custom).jpg?1485956568)>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

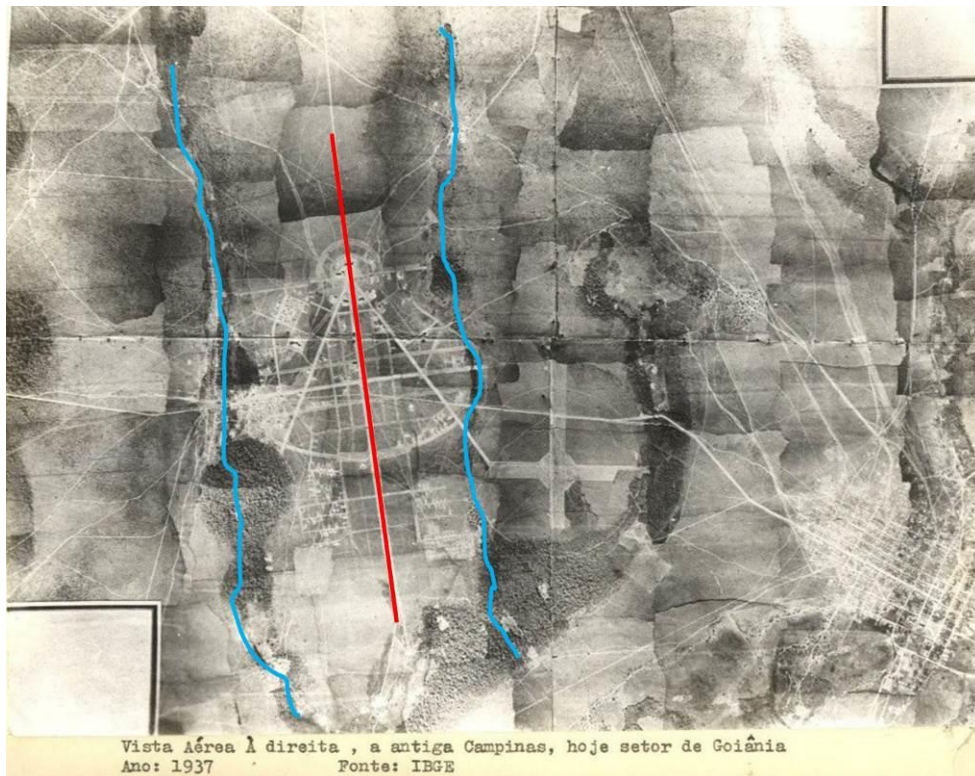
Posto o reconhecimento internacional do arquiteto, reforça-se a tese sobre o valor patrimonial do conjunto de sua obra, da qual o Jóquei Clube de Goiás faz parte.

4º Argumento: a solução ecológica do projeto arquitetônico

Quando o projeto original da cidade de Goiânia foi concebido pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, ele considerou sobremaneira as características hidrológicas do

sítio. A escolha para o centro da cidade decorreu da presença de dois córregos paralelos: o Botafogo e o Buritis. Corrêa Lima decidiu implantar a avenida central do plano, hoje Avenida Goiás, em um eixo que dividia o escoamento da água da chuva entre as sub-bacias dos referidos córregos. Ao mesmo tempo, a confluência dos córregos Buritis e Capim-Puba (à oeste) serviria para isolar o então aeródromo (pista de pouso sem infraestrutura de embarque de passageiros) do núcleo urbano de Campinas e da pretendida ocupação da região central da nova capital. O córrego Buritis possuía volume de água mais reduzido que o Botafogo, formando áreas alagadiças em seu trajeto, nas quais crescia uma rarefeita mata ciliar que permite identificá-lo nas fotografias aéreas antigas.

FIGURA 47 – Fotografia aérea com a efetiva implantação no centro de Goiânia. Em azul, os trajetos dos córregos Botafogo (à esquerda) e Buritis (à direita). Em vermelho, o eixo da atual Avenida Goiás.



FONTE: Acervo da Divisão de Biblioteca e Documentação da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo (SEPLAM) de Goiânia – editado pelo autor

O córrego Buritis segue a partir de sua nascente mais elevada, entre o Clube dos Oficiais e o Clube de Engenharia, em direção norte, alimentando-se em outras nascentes, como as existentes no interior do Bosque dos Buritis. Em alguns pontos do trajeto havia afloramentos mais expressivos. Um desses localizava-se na quadra onde hoje se encontra o Jôquei Clube de Goiás. Quando o local ainda abrigava um edifício de feições neocoloniais, o Automóvel Clube (posteriormente Jôquei Clube), havia um pequeno bosque de vegetação ciliar junto ao referido afloramento.

A decisão sobre a demolição do antigo edifício para dar lugar a uma sede de maior porte pode ser questionada pela perda patrimonial, embora hoje nada possa ser feito para reparar a ação, mas o projeto vencedor do concurso mostrou-se acertado quanto à respeitar a existência do conjunto arbóreo e do córrego Buritis.

FIGURA 48 – Fotografia aérea com indicação do trajeto aproximado do córrego Buritis e demarcação da quadra do Jóquei Clube de Goiás



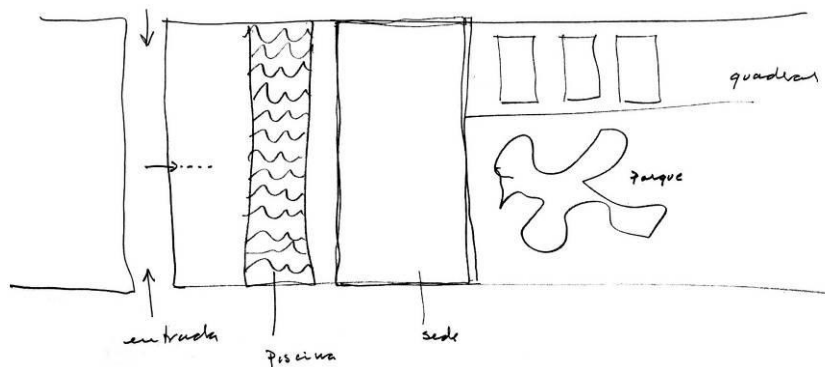
FONTE: Acervo da Divisão de Biblioteca e Documentação da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo (SEPLAM) de Goiânia – editado pelo autor

FIGURA 49 – fotografia aérea com a demarcação da área vegetal desmatada na quadra do Jóquei Clube



FONTE: Acervo IBGE. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS-RJ/GO24682.jpg>>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

FIGURA 50 – Esboço do arquiteto Paulo Mendes da Rocha para o projeto do Jóquei Clube de Goiás, onde se identifica uma área intitulada "parque" no local do afloramento do córrego Buritis.



FONTE: ARTIGAS, Rosa (org.). Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 126.

FIGURA 51 – fotografia do interior da atual sede do Jockey Club em direção à vegetação mantida por decisão do projeto, posteriormente desmatada.



FONTE: Acervo do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. AV Monografias. Paulo Mendes da Rocha: 1958-2013. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2013, edição 161, p. 33.

O projeto arquitetônico do antigo Automóvel Clube buscou deixar espaço suficiente para que o córrego Buritis e seu pequeno bosque ciliar remanescente pudessem se desenvolver sem resistência. Isso permitia uma convivência harmoniosa entre a cidade e o meio natural. O projeto de autoria dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, em 1962, para a nova sede do Jockey Club, mostrou-se também responsável ecologicamente. Infelizmente, esse mérito não pode ser atualmente constatado, devido à decisão de desmatar a vegetação da quadra e cobrir com cimento o afloramento de água. Por outro lado, a situação é completamente reversível se mantida a integridade do edifício.

Ao longo das décadas, o trajeto do córrego Buritis foi sendo canalizado em manilhas de concreto subterrâneas, de modo que passa a maior parte do ano esquecido, salvo nos primeiros meses, quando o período de chuva o faz ganhar volume e incomodar em afloramentos (antes naturais) em subsolos de edifícios. Em Abril de 2015 parte do asfalto da Av. 87, no Setor Sul, cedeu. Tratava-se de um trecho no curso do córrego Buritis. A sua integral canalização, que o impede de se expandir e aflorar, pode ter sido a causa do evento.

Visto que o edifício do Jockey Club considera e responde adequadamente à relação com os meios naturais, sua solução deveria ser preservada, não apenas pela correta acomodação a uma demanda local específica, mas também por seu potencial de reverberação na gestão dos espaços urbanos brasileiros.

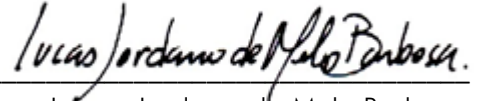
FIGURA 52 – Fotografia do jornal O Popular, de 18 de Abril de 2015, apresentando trecho da Av. 87 no trajeto do córrego Buritis cujo asfalto havia cedido e passava por obras de reparo



FONTE: Sebastião Nogueira. Disponível em <https://www.opopular.com.br/polopoly_fs/1.830844.1429321642!/image/image.jpg_en/derivatives/landscape_800/image.jpg>. Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

Termo

As informações apresentadas foram organizadas em caráter preliminar e podem ser complementadas de acordo com a demanda da Superintendência de Patrimônio da Secretaria de Cultura do Estado de Goiás. Espera-se, contudo, que tenham sido trazidas a luz qualidades suficientes para destacar a relevância do edifício do Jockey Clube de Goiás para o patrimônio histórico e artístico estadual. Aconselha-se sua proteção através dos instrumentos legais de que se dispõe. É o parecer.



Lucas Jordano de Melo Barbosa
Arquiteto e Urbanista . CAU A54868-5

Goiânia, 19 de Maio de 2019.